

Eu morri aos 37 anos, vítima de um acidente vascular cerebral hemorrágico e fulminante. Não previsível. Sempre tive boa saúde e pressão arterial um pouco alta, porém controlada com medicamentos. Minha alimentação era boa e eu fazia exercícios regularmente, sem problemas. Estava correndo no parque, de repente me senti mal, parei. Sentei na calçada e ali fiquei... Morta!

Eu era dentista. Uma dentista bem sucedida. Duas vezes na semana eu atendia crianças especiais portadoras de microcefalia, síndrome de Down, surdo-mudas, cegas... entre outras. Havia um desgaste emocional grande nisso tudo e em dias alternados após o consultório, eu corria no Parque antes de voltar pra casa. Corria e chorava para desabafar e agradecer a Deus por ter duas filhas lindas e saudáveis, uma com 5 e outra com 7 anos (agora órfãs de mãe).

Meu marido, 3 anos mais velho, advogado, estava no escritório quando recebeu o telefonema da Polícia comunicando o meu falecimento. A princípio ele não acreditou, pensando ser mais um dos inúmeros trotes e ligações falsas que nos aterrorizam e fazem parte da nossa rotina. Depois das evidências apresentadas pelos policiais, minha foto onde eu estava caída, roupas, etc. Ele reconheceu...

Que triste! Ele sim, um pouco gordinho, com 90 quilos distribuídos na altura de 1,85 m. enganava bem. Ficou com todas as responsabilidades da casa. Deve ter casado novamente, não sei. O **Bryan** sempre foi bonito e responsável. Mulheres correndo atrás não deveriam faltar.

Morávamos em San Diego, na Califórnia. Ele gostava muito de praia, mais do que eu.

Fui uma moça mais ou menos religiosa, durante a minha existência. Frequentava a igreja do bairro, principalmente para levar as meninas... Meu objetivo era que elas crescessem valorizando, mais do que a mãe, esses aspectos religiosos tão importantes.

Eu nunca acreditei em reencarnação.

Irônicamente, ou por castigo, acabei reencarnando dois anos depois:

“Jennifer Smith Berrington, você morreu muito cedo, fora do seu tempo, sem cumprir boa parte da missão que lhe foi planejada. Vai retornar e continuar mais um pouco, e não se lembrará de nada do que passou... A Vida será novamente soprada em suas narinas. Assim está escrito”.

... Então aqui estou eu.

Shanya agora é o meu novo nome.

Uma mistura de nome africano com norte-americano que pode significar “estou no meu caminho”, “sigo o meu rumo” ou então “belo”. Me encaixo mais na primeira definição...

Sou uma menina bonita, sadia, loira de olhos azuis, muito inteligente e esperta. Sou africana. Nasci em Nairobi, capital do Kenya (me recuso a escrevê-lo de outra forma). Tenho 13 anos, completados poucos dias atrás, em 10 de dezembro e acho que bem aproveitados e viajados. Culpa dos meus pais!!!

Ele é inglês, doutor em Arqueologia. Paul.

Minha mãe, Louise, também doutora, em Paleoantropologia, é francesa. Uma das profissionais mais conhecidas no mundo acadêmico dessa área.

Um inglês casar-se com uma francesa. Não é o que presenciamos no dia a dia. Mas aconteceu. Eles se conheceram no Cairo, acho que em meio a sarcófagos, múmias,

ataúdes, tumbas, museus e pirâmides. Não tenho a menor dúvida de que foram feitos um para o outro. Os olhos deles irradiam paixão pelo que fazem. Antiguidades, um fóssil descoberto, coisas escondidas pelas areias, escavações... Ficam horas, poderiam ficar dias (acho que às vezes ficam mesmo), debruçados em cima de textos milenares, tentando decifrar pistas e caminhos. Lembra aqueles momentos vividos nos filmes do “Indiana Jones”? Pois é, assim mesmo são eles. Não sei como tiveram tempo pra fazer uma filha única, eu, a **Shanya**, que apesar da tenra idade já conhece muito sobre a profissão deles. Isso me ajudou e ajuda demais nas atividades escolares. Cultura geral!

E uma curiosidade sobre minha infância: Minhas bonecas, pelo menos as menores, ficavam guardadas individualmente em caixas, dessas do tamanho de caixa para sapatos. Ficava lá como se estivesse num sarcófago, um esfique, pequeno caixão de defunto. Eu decorava as caixas com motivos mortuários desses característicos dos verdadeiros sarcófagos, encontrados por aí. Nunca tive medo de falar sobre o assunto. Meus pais me ensinaram demais sobre o culto aos mortos. Cresci familiarizada com isso e cansei de ver múmias.

Meus estojos para lápis escolares (a maioria em madeira) eram réplicas de pequenos sarcófagos. Ninguém na escola tinha igual! Algumas meninas olhavam meio de lado pra coisa, talvez não vissem com bons olhos aquela tendência... outras, ao contrário, incentivavam a minha pequena coleção desses estojinhos, e se encontravam algum diferente nas lojas, logo comentavam comigo. Cheguei a ser presenteada com vários.

Mas... Você se engana se pensou que eu quero seguir a profissão dos meus amados pais.

Minha mãe Louise disse por várias vezes que gostaria que eu estudasse Medicina. Agradeço, mas também acho que não é o caso... Meu pai é neutro no assunto.

A verdade é que apesar dos 13 anos de idade eu já viajei muito na companhia deles. Nossos passaportes estão abarrotados de carimbos. Por conta de todo esse vai e vem e das nacionalidades diferentes, eu falo fluentemente francês, inglês (também língua oficial aqui do Kenya), além de Swahili – a outra língua oficial do meu país. E também alemão (com algumas dúvidas ainda). Comecei a estudar italiano já faz quase um ano e gosto muito. Meus pais também falam alemão, aliás, falam um monte de línguas. É difícil saber no que eles não são versados. O apelido do meu pai é “Google”. Por aí você tem uma ideia...

Não quero me alongar muito nisso tudo senão vai virar uma coisa meio que biográfica, e não é o caso.

Já mencionei que não pretendo (acho que não) seguir a carreira profissional deles. Moramos durante dois anos aqui em Paris, quando minha mãe terminou o pos-doutorado na Sorbonne, e acabei me encantando por outras profissões.

Gosto muito de música clássica e óperas. Eu canto. Tenho boa voz de soprano, e acredito que é por aí que minha carreira um dia vai enveredar. O clarinete, que é um instrumento de sopro, talvez seja uma das opções. Estamos falando de um instrumento musical muito difícil, mas quem sabe... (Precisa ser “transportável” com facilidade, face às nossas constantes viagens). Outros maiores, tal qual piano (adoro), tuba, ou contrabaixo, nem pensar.

Minha modesta inspiração é na musicista Sabine Meyer, famosa clarinetista alemã. Espero poder seguir seus passos e sei que muito precisarei aprender!

Às vezes divago me imaginando tocando em alguma grande orquestra sinfônica ou filarmônica (iguais as de Frankfurt ou Berlim).

Já me perguntaram como foi o despertar dessa paixão e eu respondo sempre que foi assistindo ao lindo filme “Out of Africa”, rodado no Kenya e estrelado pela brilhante

Meryl Streep e por Robert Redford. A música principal do filme é o “Clarinet Concerto in A major, K.622, de Wolfgang Amadeus Mozart”. Foi tudo amor e inspiração à primeira vista (ou à primeira ouvida...).

Essas viagens por causa das profissões dos meus pais, afastam um pouco a família. Eles percorrem a Europa (acontecem de viajarem separados) e às vezes estamos juntos nos Estados Unidos. O Brasil também já foi palco de nossas peregrinações. Minha mãe tem especial interesse em ampliar seus conhecimentos de antropologia (e escrever mais um livro) agora comparando a vida existente nas favelas do Rio de Janeiro com as favelas de Kibera, lá de Nairobi, simplesmente a maior favela existente na África.

Minha mãe vem com frequência aqui para Paris ou vai para Londres. Aí fico sob os cuidados do meu pai. Quando é ele que está no Cairo, ela então se responsabiliza pela Shanya. Quando os dois vão para a Tanzânia (fazem pesquisas na Garganta do Olduvai), ou mesmo quando seguem para a região do Lago Turkana, distante uns 650 quilômetros de Nairobi, aí são meus avós maternos que “descem” e ficam aqui na nossa casa. Não é sempre que posso acompanhar meus pais nas viagens.

Quando estou impossibilitada, meus avós que são alemães e moram em Frankfurt, vem para Nairobi e passam semanas comigo, às vezes o mês inteiro.

Para meu avô Klaus, é uma maravilha! Ele é escritor e tira inspiração de tudo o que vê de diferente e fotografa para seus livros de contos, crônicas, muitos poemas e até mesmo longos romances. Se um dia eu casar, vou procurar uma pessoa com o perfil dele. Sempre bem humorado e criativo! Adoro vovô Klaus!

Minha avó Mayla, é brava, brava, muito brava! Foi bailarina do Ballet Bolshoi e depois já casada, moraram um tempo na França, foi quando minha mãe nasceu.

Sou apaixonada pela minha queridíssima avó! Somos cúmplices. Quando estamos sozinhas ela se desmancha em carinhos, sorrisos e lágrimas comigo, se desveste da roupa de brava. Apenas uma casca. Mas ninguém desconfia... Sou a única neta que sabe disso.

E o que é melhor: Ela incentiva e aposta na minha carreira de musicista! – Você precisa acelerar isto, ainda quero vê-la maestrina antes de partir... Não se preocupe com dinheiro. Ganhei muito enquanto fui artista e tenho o suficiente para os netos e netas!

Nosso futuro no Kenya parece ser um pouco incerto. Meus pais foram convidados (estão quase sendo obrigados) a assumir cargos importantes na área acadêmica em Paris. Não deixarão suas escavações e pós, e botas e chapéus, e mapas, e rosto bronzeado por causa das expedições incontáveis, mas apenas as farão em intervalos maiores. Chegou a hora de ensinarem TUDO o que aprenderam por aí pelos cinco continentes... O interesse é tão grande que cobriram as propostas feitas pelo Museu do Cairo e do Nairobi National Museum onde atualmente eles trabalham.

E eu? Minha avó já disse que gostaria que eu morasse com eles em Frankfurt, fizesse não apenas a Faculdade de Música lá, mas também começasse desde o colégio (muito mais forte do que lá no Kenya, diga-se de passagem). Amo meu país, amo ser Africana: sua cultura, gastronomia e história também recheada de conflitos e dominações. Um dia pretendo ter muito dinheiro para injetar parte dele nessa sociedade muito desigual e ainda tão carente de confortos básicos. Tenho uma preocupação sobremaneira, com a Etiópia, nosso país vizinho e de paisagens exuberantes!

Não posso, não quero, e não devo pensar nisso tudo agora. As carreiras dos meus pais são muito importantes. Partirá deles a decisão. Além do mais, se fixarmos residência em Paris, as viagens para Frankfurt são rápidas, cerca de 1,5 horas de voo. Demoram mais os trajetos e trâmites entre as residências e aeroportos. Tudo muito diferente quando temos que nos afastar da África oriental aqui para a Europa.

Meus pais já tiveram uma conversa séria comigo e temem pelo futuro não apenas do Kenya, mas da África como um todo. Degradações, os problemas sócio-culturais e a vida perigosa principalmente para nós que somos brancos. O fato de eu ser africana, Kenyana, não suaviza o problema. Estudo na escola britânica em Nairobi (um enorme privilégio), mas e no futuro que está batendo às portas? Vou terminar o ensino fundamental, e depois?

- Shanya, você é a nossa única e querida filha. Precisamos canalizar todos os olhares no seu futuro, seus estudos, e mais tarde até mesmo em sua carreira e vida particular. Você sabe que queremos o melhor pra você, e certamente esse melhor está em algum país europeu. Descartamos morar nos Estados Unidos por inúmeros motivos, mesmo tendo recebidos convites tentadores, você sabe disso. Na Europa tudo estará ao seu/nosso redor e também estaremos ao lado dos seus avós. Seus queridos avós já começam a entrar num período de idade mais delicada, onde as longas viagens serão cada vez mais cansativas. Pense nisso aos poucos... Ninguém vai forçar nada, porém muito está em jogo!

Refleti bastante sobre essa conversa (será que meus 13 anos, recém completados) permitiriam isso? Mesmo assim passei dias pensativa.

Na semana anterior à nossa vinda aqui para Paris, nova conversa aconteceu lá em casa.

- Shanya (agora era minha mãe quem tomava a dianteira).

- Depois daquela conversa que nós três tivemos, outros fatos surgiram e queremos conversar com você. Preste bastante atenção.

De uns tempos pra cá, em casa, meus pais procuravam se expressar comigo em alemão, até mesmo para exercitar meu aprendizado. Eu gostava disso. Porém, agora, a conversa acontecia em inglês, ou seja, nada podia acontecer em tom duvidoso...

Meu pai estava mais calado (eu diria até que meio entristecido) e estava bem junto à minha mãe. Nós três na grande mesa da sala.

* Shanya, querida (minha mãe iniciou...)

* Na próxima semana viajamos pra Paris e na sequência para Frankfurt, na casa da vovó. Eles nos esperam pro Natal. Isso você já sabe.

* As propostas da Universidade de Sorbonne, tanto pra mim quanto para o seu pai aumentaram... São propostas praticamente irrecusáveis. Incluem um belo apartamento na magnífica Avenida Foch, que todos nós admiramos. Não teremos despesa de aluguel com ele... A proposta inclui ainda Escola paga pra você. Não a escola britânica, mas a francesa, tão boa quanto, você sabe.

* Acreditamos que nosso tempo aqui na África está se encerrando... Pensamos assim, e queremos a sua opinião:

* No decorrer do próximo ano ainda ficaremos no Kenya. Será um ano agitado, pois precisamos decidir o que fazer com esse apartamento. A primeira ideia é alugá-lo e quem sabe no futuro, vendê-lo. Eu tenho que encerrar minha carreira aqui na Universidade e seu pai também. Temos negócios por aqui.

* Eu preciso concluir uma grande pesquisa que realizo com alunos junto ao Lago Turkana e tenho outras coisas para finalizar no Museu do Cairo. Na Europa será mais difícil esse ir e vir. (palavras do meu pai).

* Ao mesmo tempo teremos os preparativos para a mudança física, o que levar e o que não levar para Paris: (deixar guardado por aqui ou vender...) e montar o apartamento lá. Meu editor (nosso) mora lá, você conhece o Marcel, e temos trabalhos já programados para o próximo ano. É outra preocupação, mas depois, se estivermos todos em Paris, a coisa será mais fácil. Muito mais.

* O próximo ano será o último do seu curso fundamental aqui em Nairobi. Depois disso acredito que a complementação se dará em Paris... Minha mãe já demonstrou a vontade, em diversas oportunidades, para que você more com eles em Frankfurt, faça o Colégio e Universidade na Alemanha... Meus pais e seus avós paternos também já estão com idade e precisam mais da nossa presença. Fizeram muito por nós. Está chegando a hora da retribuição...

* A vantagem para todos é a pequena distância de avião entre Paris e Frankfurt, ou seja, não ficaremos separados. O oposto de Nairobi até Paris, ou Roma, ou Londres...

* Enquanto você fizer o colégio em Paris ou Frankfurt, e depois os preparativos para a Universidade, eu e o seu pai trabalharemos em Paris, estaremos ao seu lado, é lógico, dando conta do que nos foi proposto profissionalmente por lá.

* A partir do momento em que você ingressar na Universidade nós dois faremos mais algumas (e últimas grandes viagens aventureiras por aí...) Novamente Cairo, Garganta do Olduvai na Tanzânia e Brasil - acredito que na região chamada Piauí - perto da Floresta Amazônica. Boqueirão da Pedra Furada, no Parque Nacional da Serra da Capivara, exatamente. Lá uma grande arqueóloga brasileira, com quem tenho às vezes o privilégio de conversar, a Professora Niède Guidon, reside e faz pesquisas. Fiz curso com ela na Sorbonne. Uma sumidade! Já com idade avançada porém ainda em atividade. Suas teorias sobre o surgimento do Homem no continente americano são revolucionárias.

* Quando você terminar seu curso (?) na Universidade, nós retornaremos para a Europa, seja para morar em Paris ou em outra grande capital, e continuaremos com nossas atividades, porém agora mais acalmadas. As peregrinações ficarão para os nossos alunos. Todos esses anos estão sendo fantásticos, porém o cansaço começa a mostrar a face.

* Uma outra grande possibilidade começa a despontar: Roma. A Itália é um dos países do mundo que mais destina verbas para a Arqueologia, e a cidade, que você conhece bem, é um canteiro arqueológico a céu aberto.

* Não importa exatamente o país. França, Itália, Alemanha... estaremos perto de você, e você perto de nós.

* Por enquanto prevalece ainda a incógnita de qual carreira você pretende seguir, mas acredito que agora, no próximo ano, o último do seu curso fundamental aqui em Nairobi, as coisas começarão a clarear... Insisto, outra vez, e sei pai também pensa assim, de que você deveria estudar Medicina. É uma menina muito inteligente e grande ajuda prestaria à Medicina como um todo... Mas isso ainda é algo a ser conversado. Mais pra frente.

* Os dois próximos anos serão difíceis e sensíveis para todos nós. Deixar o Kenya, nossa casa (adotada por mim e pelo seu pai) e a sua, de nascença, não será fácil. Vai doer no coração. Praticamente deixaremos a região berço da humanidade. Diminuirá muito o contato com as belezas africanas. Os Parques Nacionais, que você também conhece e aprendeu a amar, seja o Tsavo National Park, o Masai Mara National Reserve, e mesmo o Amboseli National Park farão falta em nossas vidas. Sentiremos saudades de Mombasa. Das belezas naturais da Somália e da Tanzânia... Porém sempre vai existir a possibilidades de breves retornos, férias, reencontros...

Não resta dúvidas de que minha mãe é uma grande escritora... Meu pai, a essas alturas, de mãos dadas com ela, estava com os olhos lacrimejantes. Eu chorava baixinho. Ela terminou sua explanação, firme e forte, tal qual Rainha do jogo de xadrez, a peça mais importante. O Rei, ao meu lado, era só tristezas... Ele sempre foi a parte mais emotiva e frágil. Isso é um dos motivos pelos quais seus alunos o idolatram.

* A ideia, enfim, é essa. Pense, reflita, faça perguntas depois, teste novamente Paris já a partir da próxima semana. Comece a enxergar esse futuro.

* A vida vai continuar para todos nós, de alguma forma. Apenas nossos endereços mudarão. O futuro da humanidade e da África começa a nos preocupar. Você faz parte desse futuro! O Kenya continuará eterno.

* Não poderemos levar os leões, zebras, elefantes, hipopótamos nem as girafas, entre centenas de outros bichos. O Kenya é uma verdadeira Arca de Noé, mas prometo levar um casal de guepardos adultos para morar conosco na Avenida Foch, a menos que os outros moradores do prédio reclamem... O que você acha?

Risadas...

Falar o quê? Pelo menos naquele momento, não havia nada a dizer. Apenas absorver as ideias e deglutir a tristeza que tudo isso causaria para nós três. Uma Aurora se nos mostrava na Europa, entretanto, o Pôr-do-Sol na África seria profundamente entristecedor.

Eu, discretamente, já havia imaginado que a qualquer momento nosso destino familiar seria esse. A vida na Europa certamente seria mais fácil para todos nós, acho que principalmente para mim, começando a desabrochar para o mundo.

Acabei me distanciando do objetivo dessas linhas, rapidamente digitadas. Faz tempo que não escrevo em papel. Isso é ruim. Preciso me policiar mais. Tudo é feito através do computador, seja ele o grande, o notebook ou mesmo via fone celular. Nossa comunicação física cada vez mais está prejudicada. Não gosto disso. Meu signo é sagitário, gosto de envolvimento, gente por perto, etc.

Estou escrevendo isso no notebook. Fica fácil armazenar. Minha mãe policia os meus acessos via internet, mas não pergunta ou acessa meus escritos, mesmo tendo a senha para acessar meu computador. É lógico que vou nomeando coisas escritas com denominações que não interessarão a ela.

E o que estou escrevendo agora, não é assunto proibido, porém é algo íntimo que não interessaria a ela ler.

Apesar da minha pouca idade, eu sou uma menina bem sensível, acredito até em reencarnação, premonição e coisas do tipo. Não sei de quem herdei esse dom (será que isso se herda?). Seria do meu outro avô, pai do meu pai? O vovô Gordon, lá da Escócia misteriosa?

Quando eu digo que sou uma menina sensível, não me refiro àquela coisa de ouvir vozes, ver assombrações, coisas fantasmagóricas. Nem gosto disso. Os chamados filmes de terror não são os meus preferidos. Exceções para alguns antigos onde a temática é sobre vampiros. Meus amigos e amigas da escola também curtem.

Eu diria que “esses momentos meus”, batizei-os assim, é o que se chama de *Déjà vu*, o já visto, expressão para descrever aquela sensação de que você já esteve em determinado lugar ou já fez a mesma coisa antes, mesmo que o senso comum lhe garanta que isso não é possível, ou então perceber que determinada situação não vai se concretizar, que certamente alguma coisa virá para atrapalhar, ou até para impulsionar.

É engraçado e estranho ao mesmo tempo. Por coincidência encontrei na literatura, um autor polonês e prêmio Nobel, Isaac Bashevis Singer, que menciona coisas parecidas em muitas de suas histórias ambientadas numa Polônia medieval, bizarra. Gosto dos assuntos. Percebo, entretanto, que muito do que é ali contado é uma literatura de difícil absorção para a minha idade. Minha mãe tem muitos livros desse escritor e sempre que estamos na Europa ela fuça as livrarias na expectativa de encontrar algo novo. E encontra. Ela tem sorte com os livros.

Já pensei, até, em abordar com ela essa situação que vez ou outra eu vivencio, mas percebo ser um terreno delicado, é preciso cautela... Minha mãe é muito esperta e culta, poderá ficar preocupada com qualquer deslize meu, se é que posso chamar isso de um deslize. Não é.

Meu avô Klaus certamente conhece esse escritor, lembrando até que Alemanha e Polônia são países vizinhos... Não faltará oportunidade para puxar o assunto com ele, meu precioso avô!

Agora exatamente, escrevo isso tudo aqui em Paris. Faz uma semana que chegamos. Em fevereiro estivemos por aqui e estava muito calor. Estamos na metade de dezembro, logo mais será Inverno. Viemos para passar o Natal com meus avós na Alemanha. Ingressei numa atmosfera levemente chuvosa e estranha para quem deixou o Kenya dias atrás prestes à chegada do Verão. Nos tornamos adaptáveis (eu e meus pais) face às situações vivenciadas em países diferentes da nossa “casa”. Nada nos afeta: clima, gastronomia, idioma, cultura, moeda, somos privilegiados em conseguir tirar prazer de todas essas situações (olha aí, novamente a influência do meu avô Klaus, mágico com as palavras como ninguém!).

Hoje fomos ao Museu D’Orsay. Dois dias atrás passamos a tarde toda no Louvre. É impossível estar em Paris e não reservar ao menos uma tarde (toda) no Louvre, ainda mais com as ricas exemplares de arqueologia egípcia tão conhecidos dos meus pais que sempre passam por lá. Minha mãe, então, francesa, acho que perdeu a conta de quantas visitas fez ao templo mundial da Museologia.

O Louvre e outros grandes museus, sempre fazem mostras especiais, apresentam peças guardadas na reserva técnica, enfim, nos maravilham com suas novidades. Não é à toa que possui o título de museu mais famoso do mundo. Meus pais parecem crianças quando estamos lá. Acredito que eles estão isentos de pagar ingresso pelo fato dos serviços que prestam à Instituição. Sinto prazer em vê-los mergulhados no passado. Voltam no tempo...

Voltar no tempo... É daqui que vou falar sobre o que aconteceu hoje cedo comigo, momentos antes de entrarmos no D’Orsay.

Mesmo eu sentindo coisas às vezes diferentes que acontecem comigo, nunca parei pra pensar quem eu fôra em vidas passadas. E na última? Qual meu nome? Profissão? Namorei muito? Fui casada? Tive filhos? Fui feliz? Como eu morri? Já ouvi falar em “regressão ao passado” através de hipnose (não sei se acredito nisso). Vou tirando minhas dúvidas nos livros que acesso na biblioteca da escola e na internet, mesmo sabendo que muito do que existe espalhado por lá não possui confiabilidade, mas é um caminho; pra quem não sabe quase nada, acaba servindo. Orienta um pouco.

Pedi aos meus pais para irmos ao McDonald’s após o D’Orsay. Fomos. Gosto daquele pedaço da Avenue des Champs Elysées, no coração agitado de Paris. A estação de metrô George V está perto dele, facilitando o trajeto. Aliás é fácil se locomover em Paris utilizando-se as 14 linhas do metrô (acho que ainda são 14).

McDonald’s sempre lotado, cardápio eletrônico, desafiando nossa criatividade em escolher e montar os lanches. Caros para os nossos padrões quenianos, mas suportável...

Comia o lanche e pouco conversávamos. Acho que observávamos mais a população variada do lugar. Mesmo assim imperavam os turistas chineses e o pessoal jovem. Vi muitas crianças. Comecei a pensar (sem querer, ou forçar) como teria sido a minha vida de criança antes dessa que vivo no começo do século XXI? Provavelmente não existia essa famosa rede de fast-food e de tantas outras que povoam nossa vida,

principalmente aqui na Europa. Perguntei aos meus pais o que eles faziam quando tinham a minha idade? O que gostavam de comer?

- Mãe, o que a senhora mais gostava de comer quando tinha a minha idade?

- Shanya querida, isso faz um bom tempo, não?

- Eu sei, mãe, e sei também que esse assunto de lanchonetes, comida tipo fast-food nem existia. Ou aqui na Europa já existia?

- Existia sim, querida. Aqui na França foi no começo dos anos 1980. Eu era pequena, um pouco mais nova do que você e vi o McDonald's engatinhando. As amigas do colégio adoravam. Novidades! Batata frita sequinha, crocante, tomar coca-cola... mas sua avó não aprovava muito essas novidades. - Comida ruim!, dizia ela e forçava para eu convidar as amigas e lá em casa – que sempre foi grande, você sabe – ela fazia os lanches, servia bolos e até mesmo salgados. Acho que era uma forma discreta de vigiar nossos passos de pré adolescentes. É certo que também tomávamos refrigerantes, era impossível proibir.

- Pai, e com o senhor? Foi assim também?

- Os lanches desse tipo surgiram em Londres acho que uma década antes do que na França. Quando eu tinha 14 anos, e já estava no final do primeiro ciclo escolar, haviam festinhas no McDonald's, poucas, mas haviam. As crianças mais ricas podiam comemorar lá seu aniversário.

- O seu também?

- Não. Eu e os amigos, a maioria homens, nos achávamos muito importantes. Sonhávamos em chegar o dia de poder frequentar um *pub*.

- Mas não podia entrar acompanhados dos pais?

- Sim, com os pais não havia problema, até um certo horário, mas era um pouco sem graça. Queríamos fazer as descobertas sozinhos... E isso demorou.

- E os tipos de lanches que vocês comem?

- Aqueles que tivessem carne, hot dogs, algo lembrando os sanduiches das partidas de futebol. Inglês adora futebol, você sabe.

- Nós franceses também. Não ficamos atrás! Foi o comentário de Louise.

- É verdade. A rivalidade do futebol aqui na Europa não pára. Ingleses, Franceses, Italianos, Alemães, Espanhóis... Os campeonatos são disputadíssimos. Eu não tenho muito tempo livre, seja em qualquer país que estivermos, principalmente lá no Kenya, mas gosto de futebol. O Manchester United é o meu preferido.

- Mãe, vou pegar um Sunday, vocês querem mais alguma coisa?

- Seria bom uma daquelas bananas assadas com canela... Pegue duas, se não tiver pegue apenas uma garrafa pequena de água sem gás.

- E fique esperta lá na fila, daqui podemos ver você. Comentou o pai.

- Deixa ela se virar, Paul, ela sabe fazer as coisas e acessa o cartão e usa o cartão de débito melhor do que nós dois...

Fui. Três pessoas na minha frente. A primeira, um moço que logo fez o pedido, depois uma mulher jovem com sua filha (acho que era filha) ao lado, e indecisas atrapalhavam o andamento. Depois deles e antes de mim, um senhor alto, vestindo terno azul marinho.

Eu usava um vestido cinza, de lã, pregueado, camisa branca e um casaco azul em brim, e botas de cano médio. Esse conjunto evidenciava meus olhos azuis.

Eu não queria que demorássemos muito por lá; ainda estava claro, sem chuva (porém frio) e certamente andaríamos um pouco pela *Champs Elysées Magnifique! Tres jolie!* Acho que a próxima parada seria uma livraria. A *Gallerie Lafayette* ficaria para amanhã...

O homem à minha frente na fila virou-se, acho que estava com fome, e ficando impaciente. Nesse momento pude perceber ser um senhor alto, idade por volta dos 50, bonito e bem vestido. Aparentava estar sozinho. Olhou de relance pra mim e perguntou se eu já havia experimentado um determinado lanche, que nem recorde mais qual foi. Será que ele gostaria? Disse isso e apontava para o painel a nossa frente.

Sinceramente não lembro muito bem do desenrolar dos comentários breves que fizemos, mas fiquei com a sensação de que eu já o conhecia de algum lugar... Mas de qual? Não acredito que fosse de Nairobi, afinal sua pele era de um tom muito claro. Seria de alguma outra cidade, então? Europa? Percebi, enquanto ele falava, que seus dentes eram bonitos e chamavam minha atenção e aquilo também me era familiar. Ele aparentava ser norte-americano. Eu chutaria isso. Até mesmo o ligeiro perfume não era de todo desconhecido, mas certamente não era um dos que meu pai usava.

Que engraçado... Não sei se eu já tivera uma sensação tão forte assim. Pensei em algum ex-professor, mas descartei de imediato. Nós meninas somos espertas pra isso e certamente eu teria feito a associação, se fosse o caso.

De longe eu percebi que meus pais não tiravam os olhos de nós na fila, mas estavam tranquilos. Eu apenas trocava algumas palavras com ele e apontava para o cardápio eletrônico. Tudo em paz, sem preocupações.

A fila andou. Ele (o enigmático) avançou e seguia na escolha dos itens pra montar o seu lanche. Também não lembro detalhes do pedido, entretanto eu procurava disfarçar ao máximo, fingia mexer no celular, sabendo que meus pais podiam estar observando a gente. Discretamente eu acompanhava os movimentos do meu vizinho na fila, e puxava pela memória para saber de qual lugar eu o conhecia. Não possuía aliança na mão. Que situação! Engraçada e estranha ao mesmo tempo. Nunca eu poderia abordá-lo e fazer alguns questionamentos, afinal eu era uma adolescente sozinha na fila... Nos dias de hoje...!

Ato contínuo, ele terminou de escolher o lanche, e acenou para mim despedindo-se. Nesse momento em que virou-se para guardar o cartão no bolso ele deixou cair um papel dobrado que mais parecia ser uma receita médica.

- O senhor deixou cair isso...

- Obrigado, moça, eu nem havia percebido.

- E poderia lhe fazer falta... Disse eu meio desajeitada. Acho até que minha mão tremeu um pouco.

- É verdade. Já perdi algumas coisas na vida que hoje me fazem falta...

Sabe aquele momento em que você abaixa, pega o papel do chão, depois se levanta e olha pra pessoa? Aqueles mágicos 3 segundos pareceram uma eternidade. O olhar dele (olhos castanhos cor de turmalina marrom), mergulharam fundo nos meus olhos azuis, ou vice-versa. Uma fusão cósmica, para usar uma expressão abrangente e mostrar o grau de intensidade com que aquilo aconteceu... Relembrei as palavras de Miep Gies (uma das protetoras da mártir Anne Frank) quando escreveu: *“Há um olhar entre duas pessoas uma ou duas vezes na vida que não pode ser descrito por palavras...”*

Então, ele guardou a “receita” no bolso interno do paletó, e nesse ato percebi bordado no lado esquerdo da sua camisa um bonito monograma “**B.B.**” na cor azul.

Logo que deixamos o McDonald’s novamente eu avistei (avistamos) o homem dentro do seu Porsche amarelo. O lanche era pra viagem. Ele esperava pelo semáforo abrir enquanto escutava a maravilhosa canção (da qual aprendi a gostar) interpretada pelo brilhante Louis Armstrong, de quem meu pai é fã: “We Have All the Time in The World...”

Momentaneamente parei e olhei para o carro. O motorista não me viu. Minha mãe perguntou:

- Vamos, Shanya, o que foi?

- Nada mãe; Gostei do carro... Era o mesmo senhor que estava na fila, na minha frente.

- E então... Ele puxou conversa com você?

- Não. Apenas tentava descobrir qual era mesmo o lanche preferido por uma de suas netas. Ele estava comprando pra ela...

Na sequência, e fechando a tarde, fomos em duas livrarias. Todos compraram. De lá pro hotel e mais tarde jantar. Estávamos cansados e dormimos cedo.

Ainda continuo com aquele pensamento na cabeça. Por que será que tenho a intuição de que já conhecia aquele homem?

E o que é pior, não posso conversar sobre isso com ninguém.

Minhas amigas na escola, mesmo as mais próximas, certamente poderão fofocar sobre o ocorrido, deturpar a história, acrescentar inverdades e eu teria problemas... Nem pensar!

Meu pai? Muito amigão, mas algumas intimidades ainda nos encabulam. Como vai compreender uma pessoa na faixa dos cinquenta se ele mesmo está ainda na dos 40 anos? E a ciúmeira? Certamente ele vai se abrir com minha mãe que vai ficar chateada porque eu falei pra ele e não pra ela primeiro... Esquece...

Minha mãe? Jamais! Muito esperta. Vai comentar com meu pai e ambos começarão a colocar coisas na cabeça. Tenho certeza de que minha mãe poderá estender um tentáculo a mais sobre mim. Eu pagaria caro por essa curiosidade momentânea.

Minha avó Mayla? Pensei nela... porém poderá se abrir com meu avô. Ambos vão dizer: - É... a Shanya tá crescendo, já não é mais uma menininha... E Tenho certeza de que o assunto chegaria aos ouvidos da minha mãe.

Meu (amigão) vovô Klaus, poderá ficar meio perdido. Vai comentar com minha avó, que vai comentar com minha mãe, que vai ter uma conversa com meu pai!

Percebem que tudo chegaria aos ouvidos da minha espertíssima mãe pós doutorada? Seria uma verdadeira “polva” a me rastrear. Seus tentáculos me sugariam até a morte. Uma morte lenta e dolorosa, tal qual consta no livro “Os Trabalhadores do Mar”, de Victor Hugo. O maior romancista francês (eu acho).

É mãe? É. É amigona? Também. Mas como gente acostumada com a África, não me cercaria como uma gueparda, leoparda ou leoa, mas sim como uma terrível (apesar da frágil aparência) hiena, da qual nenhum animal consegue escapar. Atacam em bando. São temidas. Em algumas circunstâncias eu temo a minha mãe, ou melhor, respeito...

Que engraçada a minha situação! Agora sou eu quem pareço ser uma arqueóloga ou paleontóloga, diante de um terreno para escavar, na intuição de que algo existe mais no fundo.

Quando olhei para o Porsche, instintivamente vi a placa dele, ou quase toda ela: **AA 752 P...** Esqueci a última letra. Logo, estou diante de 26 possibilidades para completar a combinação (A até Z).

Talvez em algum **site** de busca eu conseguisse fazer um **link** entre o número da placa e um carro Porsche. Fatalmente uma (espero que não em duas ou três) seria de um carro da marca Porsche e, conseqüentemente eu descobriria o nome do proprietário. Caso houvesse mais uma placa registrada com esse tipo de carro imagino que as letrinhas **BB** que eu vi bordadas na camisa do homem levaria a essa exclusão! Ou seja, precisaria fazer um link final entre a placa e o nome do proprietário cujos nome e

sobrenome começam com a letra **B** (Mas e se o carro for de uma locadora? Hipótese possível; aí azar meu. Nada mais a fazer).

Placa descoberta... Nome descoberto...Endereço (esse seria mais fácil).

Daí a saber o telefone seria o último passo. A internet ajuda. Não deveria, mas ajuda. Imagino que com um pouco de sagacidade eu fecharia o “círculo”.

Tá bom. Agora eu pergunto a mim mesma:

- Ir até a residência? Como? Falar o quê? (jamais!). Possibilidade inexistente.

- Telefonar? Perguntar se ele se lembrava de mim, daquela tarde no McDonald's? Jogando uma mentirinha: - Sua neta gostou do lanche?... Lógico que não vai “colar”... Homens nessa idade são espertos (quase igual a nós mulheres). E se ele desse corda na conversa? Então eu perguntaria: - Vem cá, nós já nos vimos em algum outro lugar? Você mora em Paris? Já morou em outra cidade? Sua fisionomia me é familiar. De qual lugar eu conheço você?

É lógico, certo, e óbvio que eu nunca tomaria tal atitude, a menos que eu fosse completamente louca, sem contar que ao receber meu telefonema ele saberia o número de quem discou! Bingo para ele! (apenas não entenderia que o número consta de um cadastro lá no Kenya). Mesmo assim ele ligaria, ou poderia ligar. E eu iria dizer o quê pra ele e para meus pais???

Tá bom. Eu ligaria de um telefone público. Lá em Nairobi existe. Acho que aqui em Paris também...

Chega de conversa fiada. É melhor esquecer o assunto (ou pelo menos tentar).

Desse jeito, querendo descobrir/desvendar/analisar todo esse mistério,vou acabar sendo direcionada à carreira familiar! Não... Decididamente não quero isso.

Amanhã teremos a *Gallerie Lafayette* pela frente! E ali dentro andaremos muito. Vou dormir. Gosto de “chamar” o sono escutando músicas (não precisam ser as chamadas clássicas). Coloquei o fone de ouvido e fui passando de uma para outra... Lembrei e adicionei a música que “ele” escutava no carro, quando “nos encontramos” pela segunda vez: “We Have All the Time in The World...” Sim, agora “Nós temos todo o tempo do mundo”...

Não acho que seria uma má ideia.

É claro que se ele tivesse uns 15 ou 16 anos de idade...

MAS...

Daí a concluir que o monograma **B.B.** bordado do peito de sua camisa branca bem poderia significar as iniciais do nome “**Bryan Berrington**”, meu saudoso e amado marido de outra vida passada. Seria uma possibilidade entre muitas, porém não era de tudo impossível.

Só que isso estava proibido para a Shanya, pois “...**assim está escrito.**”

Paris, novembro de 2018.

(coincidências atraem almas gêmeas...)

Fevereiro/2020.

